

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

FERNANDA CORREA DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS: OPORTUNIDADE DE
RECOMEÇO E IGUALDADE SOCIAL**

Rio de Janeiro

2020

EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS: OPORTUNIDADE DE RECOMEÇO E IGUALDADE SOCIAL

Fernanda Correa de Oliveira

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro universitário São José

Orientadora

Prof.^a Mestre Nacyra Lucena

RESUMO

O presente trabalho procurou entender como os professores da EJA conseguem mediar à aprendizagem destes alunos sem permitir a evasão, voltando seu caráter para a transformação social e o mercado de trabalho. E tem como objetivo geral analisar a oportunidade de recomeço e igualdade social para os alunos atendidos na modalidade da EJA. E dentre os objetivos específicos, descrever um pouco da história da EJA e seus embasamentos políticos; abordar a importância das práticas docentes inseridas na modalidade da EJA; identificar o progresso obtido pelo aluno da EJA, na sociedade e no mundo do trabalho, visando à igualdade social. A metodologia apresentada é de pesquisa bibliográfica, contando com a utilização das obras dos seguintes autores: Paulo Freire (2002, e 2014), Basegio (2012), Paiva (2009) dentre outros que foram citados ao longo do estudo, também conta com a observação de um estudo de caso. Como considerações finais a pesquisa aponta que é importante que professores estejam capacitados e preparados para trabalhar as diferenças em sala de aula e assim poder alcançar sucesso neste trabalho, levantando o processo de alfabetização e continuação acadêmica desses jovens e adultos, como um fator crucial de autonomia e transformação, proporcionando uma diferença na sociedade e no mundo do trabalho.

Palavras-Chaves: Educação de Jovens e Adultos. Aprendizagem. Transformação Social.

ABSTRACT

The present work sought to understand how EJA teachers could mediate the learning of these students without allowing dropout, returning their character to social transformation and the labor market. In addition, its general objective is to analyze the opportunity of a resumption and social equality for students assisted in the EJA modality. And among the specific objectives, to describe a little of the history of the EJA and its political foundations; to address the importance of teaching practices inserted in the EJA modality; identify the progress made by the EJA student, in society and in the world of work, aiming at social equality. The methodology presented is bibliographical research, counting on the use of the works of the following authors: Paulo Freire (2002 and 2014), Basegio (2012), Paiva (2009) among others that were cited throughout the study, also relies on the observation of a case study. As End considerations the research points out that it is important that teachers are trained and prepared to work the differences in the classroom and thus be able to achieve success in this work, raising the

process of literacy and academic continuation of these young people and adults, as a crucial factor of autonomy and transformation, providing a difference in society and in the world of work.

Keywords: Youth and Adult Education. Learning. Social Transformation.

INTRODUÇÃO

Sabendo que a maioria dos alunos que compõem a modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), não obtiveram oportunidades de estudar na época oportuna, devido a sua realidade atual, social e profissional. E assim são forçados a voltar aos bancos escolares, a fim de que possam sentir-se incluídos na sociedade e outros tenham a chance de conseguir uma melhora em sua profissão, este trabalho pretende aprofundar este tema.

O sacrifício é grande, pois muitos adultos já na terceira idade, nem sabem ler e muitos dos jovens não sabem interpretar a leitura, tornando-se analfabetos completos ou analfabetos funcionais. Se o sacrifício é grande, as diferenças são ainda maiores, mas as unidades escolares municipais têm suas portas abertas no horário noturno, privilegiando aqueles que percebem que a EJA é a chance que pode lhes abrir novos horizontes, modificando suas leituras de mundo, suas visões para um futuro melhor.

O trabalho se inspira parcialmente em Paulo Freire e se assenta no reconhecimento do universo cultural das experiências, expectativas e necessidades dos alunos jovens e adultos, bem como no significado social e político da educação no mundo atual. Toma nas mãos a responsabilidade e o desafio de unir um corpo teórico de investigações sociointeracionistas, ampliando, para os professores em formação, o universo existente de orientações destinadas à educação escolar de jovens e adultos, esperando contribuir com novos conhecimentos nessa área.

Este trabalho aborda a questão da EJA como instrumento focado na transformação dos indivíduos perante a sociedade como uma oportunidade de recomeço da vida acadêmica e a busca pela igualdade social que visa o âmbito profissional, não deixando de levar em conta sua história de vida pessoal e escolar,

permeando a cidadania integral que só é alcançada quando o cidadão possui condições plenas de exercer seus direitos, através do domínio da leitura e da escrita.

Nesta perspectiva, surge a questão norteadora da pesquisa que é saber como a Educação de Jovens e Adultos pode transformar a vida social e profissional desse aluno?

O objetivo geral é analisar a oportunidade de recomeço e igualdade social para os alunos atendidos na modalidade da EJA. E dentre os objetivos específicos, descrever um pouco da história da EJA e seus embasamentos políticos; abordar a importância das práticas docentes inseridas na modalidade da EJA; identificar o progresso obtido pelo aluno da EJA, na sociedade e no mundo do trabalho, visando à igualdade social.

A escolha do tema se deu por observar de perto a oportunidade gerada pela modalidade EJA para as pessoas que não tiveram chance de terminar seus estudos no tempo correto. Minha tia precisou trabalhar cedo para ajudar no sustento da família e teve de interromper seus estudos, porém não deixou seu sonho de se formar esmorecer, ela persistiu após ter seus filhos maiores, e para ter uma oportunidade melhor em seu emprego, resolveu voltar aos estudos e concluir com êxito essa fase que se perdeu mediante as lutas cotidianas.

A relevância ao tema coloca em relevo para os alunos da EJA uma oportunidade de recomeço e igualdade social. Para a sociedade, gera reflexões importantes acerca dessa modalidade que promove a continuação professores e gestores, contribui com o repensar das práticas educativas desenvolvidas nessa modalidade, isso à medida que coloca em relevo o acesso à informação, que promovam a transformação social e autonomia desses alunos para mudarem suas realidades e realizarem seus sonhos profissionais e pessoais.

A pesquisa tende a responder como hipótese que ao se investigar o contexto dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, o professor como mediador da educação, poderá planejar uma intervenção pedagógica mais adequada, a fim de melhorar a evasão e com isso propiciar oportunidades para que esses alunos terminem seus estudos e obtenham uma ascensão profissional, transformando as oportunidades em igualdade social dentro desta modalidade de ensino.

A metodologia apresentada é de pesquisa bibliográfica, contando com a utilização das obras dos seguintes autores: Paulo Freire (2002, e 2014), Basegio (2012), Paiva (2009) dentre outros que foram citados ao longo do estudo, também conta com a observação de um estudo de caso. O tipo de pesquisa mais adequado é o método exploratório e o descritivo, pois ambos se referem a objetivos e buscam obter resultados e respostas acerca da problematização. Para isso foram utilizados como material de embasamento as fontes secundárias como os livros de teóricos de considerável apreço no panorama educacional, da modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O autor **Leandro Luiz Basegio**, trata da evasão na EJA tendo como principal motivo a necessidade de trabalho, sendo o cansaço e a falta de frequência exigida motivos que levam a desistência do aluno no meio do caminho.

O autor foi escolhido por ajudar a mostrar que a EJA se ancora na ideia dos valores humanos, e pode proporcionar novos tipos de saberes, agregando a possibilidade de se promover o autoconhecimento e incorporar temas que favoreçam a práxis, ou seja, uma educação voltada à transformação.

Na visão de Basegio (2012, p. 32) através do conhecimento da EJA, surge à dúvida de saber quais os motivos que levam as pessoas, seja em meio ao convívio social cotidiano ou em outras sociedades, a dar continuidade ou desistir de seus estudos.

Entende-se por este trecho que as implicações das desigualdades sociais no campo da educação são visíveis e, prevalecem até os tempos atuais como uma educação diferenciada por classes sociais, sendo assim nos faz questionar o que leva o aluno da EJA a desistir de seus estudos e mesmo a regressar e prosseguir m meio a dificuldades ainda maiores.

Paulo Freire é o grande incentivador das concepções da educação libertadora, intitulado por todos como o “Pai da Educação”. Freire escreveu vários livros, artigos e textos pertinentes à transformação social pela educação.

Este autor é sem dúvida inspiração e seus pensamentos vão de encontro à pesquisa, porque mostram que em qualquer área de atuação, o conhecimento é importante e a constituição desses saberes habilita ao exercício da prática de cada profissional e representa parte da sua identidade.

Para Freire (2014, p. 25), “A educação é um ato político, que pode contribuir para a transformação social e a libertação dos oprimidos”, pois só através da construção de uma consciência social crítica é que o cidadão poderia se libertar das mazelas sociais.

Entende-se que a educação deve libertar o homem da ignorância, Freire acreditava que a cidadania plena é alcançada quando o cidadão possui condições de exercer os seus direitos, e esta condição são determinados pelo domínio da leitura e da escrita, que ainda mais lhe garante melhor qualidade de vida.

José Carlos Libâneo coloca o educando como sujeito do seu processo de conhecimento, fazendo da educação um momento de processo de humanização, embasado nas exigências educacionais e nas práticas docente.

O autor mostra que o educador não deve ser aquele que é metódico e detentor do conhecimento, deve, porém, ser aquele que investiga, cria, são curiosos, humildes e persistentes, sendo chamado de problematizador, com vistas a preparar seu aluno para a competitividade do mercado de trabalho e para a vida.

Libâneo (2011, p. 51) ressalta que:

Em 2008, as ações de “qualificação social e profissional de trabalhadores alcançaram maior efetividade com a Resolução Nº. 575, de 28 de abril de 2008, do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador – CODEFAT”, que interviu na questão do analfabetismo e estabelecendo diretrizes e critérios para transferências de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT (que financia as ações do PNQ) aos estados, municípios e entidades sem fins lucrativos, para a execução do Plano Nacional de Qualificação – PNQ, que está em vigor até hoje, fornecendo cursos de capacitação voltados a jovens e adultos.

Entende-se a partir desse trecho que o Fundo de Amparo ao Trabalhador auxiliou na fixação de novas políticas de qualificação profissional levando em conta alguns aspectos como a desigualdade social, a etnia, a questão de gênero, região, entre outros fatores que permitiu abranger e beneficiar, grandes quantitativos de

jovens e adultos no Brasil, preparando esse público para uma qualificação dentro do mercado de trabalho.

Jane de Oliveira Paiva, defende o direito da EJA, mostrando que o mercado de trabalho cada vez mais exige uma preparação e um nível maior de escolaridade para seu ingresso e permanência.

A autora aborda que apesar a história árdua da EJA e seu processo de mostrar que seus alunos tiveram dificuldades e que carregam a marca da exclusão, onde é necessário ultrapassar as barreiras para conseguir um desenvolvimento emocional, cognitivo e social.

Paiva (2009, p. 56) através do conhecimento adquirido é possível se ter uma autonomia de locomoção e de vida, com a alfabetização os alunos da EJA podem identificar nomes e numerações e realizar uma melhor socialização.

Entende-se que na concepção da autora a modalidade da EJA é vista como uma solução de escolaridade para todos aqueles que mesmo fora da faixa etária para a série cursada, desejam passar por mudanças.

Edmée Nunes Salgado retrata a história da EJA desde seu surgimento, uma educação voltada a jovens e adultos, mostrando que desde sua concepção esse ensino teve inúmeras contendas e continuou mesmo após se tornar modalidade de ensino da Educação Básica.

O autor mostra as conquistas, as políticas que proporcionam oportunidades aqueles que não tiveram no tempo correto de estudos. A luta pela desigualdade social, e seu benefício a trabalhadores, através do amparo nas leis.

Na concepção de Salgado (2012, p. 43) a Educação de Jovens e Adultos no Brasil teve início no Período Colonial (1549) com a chegada da Expedição de Tomé de Souza.

A história mostra que os Jesuítas, que eram membros da Igreja Católica, queriam converter os índios que habitavam no Brasil à sua religião, para isso era necessário que os mesmos soubessem ler e escrever.

José Gomes Soares Leônicio, fornece um variado conteúdo sobre a EJA, abrangendo sua história, suas políticas, a forma de alfabetização e letramento implementada nesta modalidade de ensino.

O autor foi escolhido por proporcionar em sua obra algumas abordagens sobre as metodologias utilizadas bem como currículo aplicado nesta área de estudos, onde há necessidade de propostas mais objetivas e concretas.

Segundo Soares (2002, p. 86) no final da década de 1990, houve muitas contendas e reivindicações em que a EJA esteve na pauta, na Constituição de 1996, a EJA tornou-se uma modalidade de Educação Básica.

Entende-se que o percurso histórico e político da modalidade da EJA através da história da Educação, mostra a necessidade de se ter profissionais preparados para proporcionar possibilidades para que esse público possa ter um melhor desempenho através de seus estudos abrangendo o âmbito profissional, social, cognitivo e emocional.

Alessandra de Carvalho Silva Albuquerque e Diana Dayse do Nascimento Souza retratam a história da EJA apresentando as possibilidades que essa modalidade de ensino pode vir a proporcionar focando principalmente no enfrentamento da exclusão social vivenciada por esses alunos.

As autoras mostram através de um estudo de caso a reflexão sobre a luta vivenciada pelo aluno da EJA em meio a desigualdade social, a exclusão, mostrando os fatores que são determinantes para que haja sucesso ou mesmo o fracasso no âmbito de sua escolarização, analisa também as práticas pedagógicas e seu benefício aos trabalhadores que vivenciam essa jornada para conquistarem um espaço no mercado de trabalho.

Na concepção de Albuquerque e Souza (2013, p. 25) “A EJA tem um comprometimento com o cenário de desigualdades sociais. Muitos dos alunos sentem-se culpados pelo seu insucesso escolar”.

Apesar de ser um direito de todos, a educação tem algumas limitações para alguns, por isso, é importante que os conteúdos aplicados no trabalho em sala de aula sejam revistos em um contexto de conexão com a realidade desse aluno, atribuindo entre os exercícios de fixação uma visão mais realista das dificuldades e limitações que esses alunos vivenciam em seu cotidiano.

1 - Breve História da Educação de Jovens e Adultos e seus embasamentos Políticos

A educação percorreu um caminho cheio de manifestações e assume até hoje um papel de destaque nas discussões políticas do Brasil, onde vários são os aspectos levantados e dentre eles a Educação de Jovens e Adultos que norteia a agenda do setor público e ao mesmo tempo o de pesquisadores com seus pensamentos crítico-reflexivos.

Na concepção de Salgado (2012) a Educação de Jovens e Adultos no Brasil teve início no Período Colonial (1549) com a chegada da Expedição de Tomé de Souza. Os Jesuítas, que eram membros da Igreja Católica, queriam converter os índios que habitavam no Brasil à sua religião. A Companhia de Jesus foi fundada após a Reforma Protestante como uma forma de barrar os avanços do Protestantismo.

Só que para ocorrer conversão dos índios, os Jesuítas acreditavam que era necessário que eles soubessem ler e escrever, dessa forma, os Membros da Companhia de Jesus se dedicaram aos ensinamentos da Fé Católica e a alfabetização (catequização) dos índios. Essa catequização durou até o século XVIII, quando eles foram expulsos do país pelo Marques de Pombal. Esse sistema durou 210 anos. Após essa expulsão, os ensinamentos para os Jovens e Adultos ficaram desestruturados (SALGADO, 2012).

No final da década de 1990, houve muitas contendas e reivindicações em que a EJA esteve na pauta, além de arranjos de forças para ultrapassar a estrutura autoritária da Constituição anterior e dar espaço a Constituição de 1988. Já com a Constituição de 1996, a EJA tornou-se uma modalidade de Educação Básica (SOARES, 2002).

Em 2003 a 2007 entrou em vigor o Plano Nacional de Qualificação (PNQ), apoiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que fixou novas políticas de qualificação em substituição ao Planfor, este programa levou em conta a desigualdade social, etnia, gênero, região, entre outros, que permitiu abranger e beneficiar, grandes quantitativos de jovens e adultos, Libâneo (2011, p. 51) ressalta que:

Em 2008, as ações de “qualificação social e profissional de trabalhadores alcançaram maior efetividade com a Resolução Nº. 575, de 28 de abril de 2008, do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador – CODEFAT”, que interviu na questão do analfabetismo e estabelecendo diretrizes e critérios para transferências de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT (que financia as ações do PNQ) aos estados, municípios e entidades sem fins lucrativos, para a execução do Plano Nacional de Qualificação – PNQ, que está em vigor até hoje, fornecendo cursos de capacitação voltados a jovens e adultos.

A EJA numa concepção geral e dentro das bibliografias consultas tem a função crítica e reflexiva de um resgate dos direitos violados, é um comprometimento com a cidadania, uma forma do governo se desculpar pela sua omissão no tangente a uma educação para todos, sem exclusão, é uma forma de resgatar os talentos que dantes foram sufocados pela injustiça social.

Reconhecer a função da EJA, e perpetuá-la, é reforçar que o direito à educação deva ser sempre asseverado, sendo este direito, uma realidade do exercício da cidadania que oportuniza de forma igualitária condições necessárias para a inclusão desses jovens e adultos que outrora não tiveram oportunidade de exercer seus direitos e deveres.

O II Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos se deu em 1958 com o objetivo de encontrar novos horizontes para a Educação de Jovens e Adultos. Com uma nova visão referente aos problemas que gerariam o analfabetismo, Paulo Freire se destacou afirmando que o problema do analfabetismo era mais social do que educacional. Para Freire (2014, p. 25), “A educação é um ato político, que pode contribuir para a transformação social e a libertação dos oprimidos”, pois só através da construção de uma consciência social crítica é que o cidadão poderia se libertar das mazelas sociais.

Conforme o pensamento de Freire os adultos analfabetos mesmo não tendo bagagem escolar possuem experiências e conhecimentos do mundo adquirido através das vivências diárias de seu cotidiano.

Freire acreditava que a educação libertava as pessoas das condições de misérias em que viviam. Sua pedagogia era contra a “educação bancária”, onde o professor só deposita os conteúdos educacionais sem levar em consideração a experiência do mundo que seus alunos possuem. Daí o princípio da Pedagogia Freireana. Ainda que, para ele, essa alfabetização com cartilha não era eficiente no

ensino de Jovens e Adultos, deveria ser trabalhado palavras, frases, conteúdos da realidade em que os alunos estão inseridos (FREIRE, 2002).

Enfim, não bastam somente as leis, para que os jovens e adultos obtenham êxito na superação dos desafios que emergem no espaço escolar, pois também depende da escola, em especial do professor, embasar o seu trabalho numa perspectiva dialética, política e ética com seus educandos. A cidadania plena é alcançada quando o cidadão possui condições de exercer os seus direitos, e esta condição são determinados pelo domínio da leitura e da escrita, que ainda mais lhe garante melhor qualidade de vida.

Albuquerque e Souza (2013, p. 25) apontam que “quanto maior o grau de instrução e de conhecimento de uma população, maior é a visão crítica em relação ao mundo e conseqüentemente melhor será o acesso a seus direitos”.

Aprender a ler e escrever são direitos de todos os cidadãos, pois só assim eles podem fazer valer sua opinião, e exercer seu papel social dentro da sociedade, esta é uma questão de dignidade e de oportunidade e representam as possibilidades dentro da modalidade EJA, e os desafios são tornar essa cidadania possível para estes que vivem à margem da sociedade, em busca de oportunidades.

2 - Práticas docentes inseridas na modalidade da EJA.

Segundo Freire (2014, p. 24) “é preciso alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista, que devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente”.

Em qualquer área de atuação, o conhecimento é importante e a constituição desses saberes habilita ao exercício da prática de cada profissional e representa parte da sua identidade.

Professor é aquele que ensina e que exerce uma multiplicidade de atividades, e considera a natureza da educação como prática social. Assim, no desempenho da profissão o professor lida com interesses e culturas diversas, e media o conhecimento

e a aprendizagem, conforme aprendeu em seus estudos. Esse profissional deve ter como base seu aprendizado de formação que demanda saberes teóricos, metodológicos e práticos advindos das atividades pontuadas no decorrer da formação.

Para Freire (2014, p. 25), “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”.

Em conformidade com a proposta curricular da EJA, os alunos já trazem consigo alguns conhecimentos de mundo e de conteúdo letrado, que talvez tenham sido adquiridos em breves acessos à escola ou na prática de suas atividades diárias. É notório, todavia, que o acesso a informação dessas pessoas, se constitua de forma muito precária, limitado ou dependente, muitos destes alunos sentem-se com baixa autoestima, outros não se adaptam as regras e/ou conteúdo.

Neste contexto, o currículo constitui um primeiro nível de planejamento da atividade educativa, na medida em que nele se estabelecem objetivos, sendo ele uma ferramenta para orientar a ação do mediador e a coordenação de sua ação com a de outros educadores envolvidos no processo. Cabem aos professores fazerem as adaptações necessárias para o desenvolvimento do currículo proposto no tangente as questões como a socialização e o trabalho no âmbito da EJA (BRASIL, 2001).

Segundo Salgado (2012) percebe-se que a tarefa de reconfigurar e readaptar o currículo ou a matriz curricular aos alunos da EJA, impõe uma formação continuada, que coloca o professor como um pesquisador, porque por meio desta formação professores e educadores poderão revelar seus fazeres e contestar seus dizeres, dentro do contexto do que, sabem e pensam. E para isso é necessário que seja observada as políticas públicas que respaldam esta modalidade de ensino e sua diversidade.

Quanto mais é exercida as capacidades para uma boa aprendizagem, mais se constroem e ampliam a curiosidade epistemológica, sem as quais não se alcançam o conhecimento. O educador não deve ser aquele que é metódico e detentor do conhecimento, nomeado pelo autor de bancário, deve, porém, ser aquele que investiga, cria, são curiosos, humildes e persistentes, sendo chamado de problematizador, com vistas a preparar seu aluno para a competitividade do mercado e da vida (SALGADO, 2012).

Segundo Albuquerque e Souza (2013, p. 34) “para compreender os processos de exclusão da sociedade torna-se necessário que os alunos ultrapassem a posição de meros receptores de conhecimentos, e se tornem sujeitos críticos e reflexivos”.

Os docentes devem se inserir no contexto de qualificações para que sejam capazes de projetar e dominar novas metodologias e adotar decisões de formas reflexivas tanto a respeito de suas práticas quanto ao trabalho direcionada a uma parceria entre escola, aluno e sociedade, para propor e proporcionar respostas correspondentes e assertivas implementando estratégias que possam ser úteis a todos os sujeitos que coexistem numa escola.

Para isso, a formação continuada dos profissionais é essencial para melhorar o processo de aprendizagem e assim enfrentar as diversas condições que a empreitada de formar cidadãos conscientes e reflexivos implica.

O desafio da educação de adultos é concebido junto às dificuldades estruturais, financeiras e as exigências do mercado de trabalho. O analfabetismo gera exclusão, às vezes a injustiça social e a pobreza, além de exigir cuidados e dedicação especiais. Neste contexto, a diferença é ter profissionais preparados para proporcionar possibilidades para que esse público possa ter um melhor desempenho através de seus estudos abrangendo o âmbito profissional, social, cognitivo e emocional.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2002 p. 30). Educar não é apenas o ato de transferir conhecimentos metódicos, mas é também utilizar ferramentas como o brincar, a ludicidade, a motricidade, para resgatar, e valorizar as diferentes culturas, e de forma harmoniosa e respeitosa incutir as diferentes formas e manifestações de vida no planeta e ampliar a visão cidadã.

Quanto mais se exerce a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade epistemológica, sem a qual não se alcança o conhecimento, o educador não deve ser aquele que é metódico e detentor do conhecimento, nomeado pelo autor de bancário, deve, porém ser aquele que investiga, cria, são curiosos, humildes e persistentes, sendo chamado de problematizador, com vistas a preparar seu aluno para a competitividade do mercado e da vida (SALGADO, 2012).

Para Freire (2014, p. 32) é importante discutir com alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina. “A sala de aula é um espaço complexo, em que o professor e aluno interagem constantemente na busca de articulação de conhecimentos, organização de tempo, confrontação de valores e

construção de normas e regras”. Dentro desse processo, a individualidade de cada um dialoga com necessidade de respeito à diversidade.

Os professores devem ser qualificados e capazes de planejar e tomar decisões, refletir sobre sua prática e trabalhar em parceria para oferecer respostas adequadas a todos os sujeitos que convivem numa escola. Para isso, a formação continuada dos profissionais é essencial para a melhoria do processo de ensino e para o enfrentamento das dificuldades que podem advir da tarefa de ensinar.

Na visão de Freire (2014, p. 39) “a prática docente crítica, implicate do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

O ato de aprender a ler e escrever são direitos de todos os cidadãos, pois só assim eles podem fazer valer sua opinião, e desta forma ele exerce seu papel social dentro da sociedade, esta é uma questão de dignidade e de oportunidade, é o que transforma a pedagogia num ato libertador, em que é possível exercer a cidadania plena.

Segundo Salgado (2009) Freire sempre aborda que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, sendo assim, a linguagem e a realidade se fundem de forma dinâmica. É importante a leitura das palavras, mas também é importante compreendê-las e aplica-las cotidianamente, a alfabetização começa em casa, ao se dar conta de que tudo é nomeado, os objetos, as pessoas, os lugares.

No contexto das práticas vivenciadas a principal preocupação da equipe escolar deve estar focada na formação do cidadão. Sabendo-se que a sociedade está passando por diversos percalços, seja econômica ou social, a comunidade escolar une forças para mostrar ao seu principal público – os alunos – como conviver nessa sociedade, promovendo a cidadania, políticas de respeito à diversidade e a paz.

Essa proposta se efetiva nas atividades diárias dentro do contexto da EJA, permeando um ambiente de trabalho, que somando forças conjuntas com todas as categorias profissionais da escola, desde o servente e até a direção, elaboram projetos feitos com os alunos, como Alimentação Saudável, Respeito às diversidades, Equidade de gênero e Saúde da mulher, dentre outros que visam proporcionar um envolvimento social com os alunos dessa modalidade de ensino. Observou-se neste contexto, a necessidade de ser feito todo um trabalho sociocultural em promoção da paz, já que muitos dos alunos têm como origem as áreas de risco (BASEGIO, 2012).

A prática diverge da teoria, porém, a metodologia de Paulo Freire se mistura à metodologia construtivista, no sentido de assegurar o aprendizado do aluno, suprimindo

suas necessidades educacionais a partir dos seus conhecimentos prévios. Isso pode parecer bem complicado para aqueles que não estão habituados à vivência da sala de aula, mas observou-se que na prática esses procedimentos metodológicos facilitam a absorção dos conteúdos disciplinares e os afazeres do educador, além de tornar a aula mais prazerosa.

Freire (2014, p. 15) pontua num trecho seu que “fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro, gravetos o meu giz”.

Perpassando esta pontuação para a Educação de Jovens e Adultos é presumível entender que Freire almejou dizer que, ensinar a partir das histórias de vida ocasiona ao aluno e professor reflexões acerca de suas vivências, pode inclusive, promover momentos significativos na aprendizagem, pois o aluno estuda confrontando sua realidade e desta forma pode ser incentivado na busca de promover a melhoria de vida deste sujeito.

Na verdade, a inquietação voltada a educação e formação dos componentes de uma comunidade é tão antiga quanto à humanidade. Carvalho (2009, p. 42) diz que Aristóteles formulou claramente o princípio do investimento quando pontou que “a educação é a melhor providência para os dias de velhice”. Ele considera pessoas educadas tão superiores às não educadas quanto os vivos são superiores aos mortos. A autora também escreveu que: “O bem estar nacional é conquistado, essencialmente através da aprendizagem, através do processo de estudar e aprender” (CARVALHO, 2009, p. 43).

3 - Igualdade social para os alunos atendidos na modalidade da EJA.

É notório que o indivíduo se socializa e aprende continuamente durante toda a sua vida, através da interação com outros indivíduos e com seu meio. Assim, é possível admitir que as vivências e as relações que são estabelecidas com o mundo, mais especificamente com o mundo do trabalho, apresentam um caráter e identificação de qual é o lugar a ser ocupado dentro da escala social.

A EJA é significativamente uma modalidade da qual se inserem inúmeras pessoas que não obtiveram oportunidade de frequentar a escola na idade escolar correta, ou não conseguiram terminar seus estudos. Através da educação é permitida a possibilidade de interagir em meio a um grupo social com o qual se convive e com isso, surge à dúvida de saber quais os motivos que levam as pessoas, seja em meio ao convívio social cotidiano ou em outras sociedades, a dar continuidade ou desistir de seus estudos (BASEGIO, 2012).

Ao se observar os alunos que trazem angústias, em suas histórias de vidas, pois, suas dificuldades os impediram de estudar, observa-se que muitos buscam nesta oportunidade, suprir suas necessidades como conhecer as primeiras letras, aprender assinar seu nome e também dos seus filhos, ler a bíblia, reconhecer números, dentre outras expectativas que variam de acordo com a individualidade de cada um.

Albuquerque e Souza (2013, p. 35) “A EJA proporciona atores do seu próprio tempo, e deve permitir que possam eles mesmos gerarem dinâmicas de transformações sociais e de combate às diversas formas de exclusão”.

Segundo Paiva (2009) com esse conhecimento adquirido, se ter uma autonomia de locomoção e de vida, pois assim, esses alunos podem identificar nomes e numerações das ruas, casas e do transporte, além de, ler uma pequena frase entre outras independências que para muitos de nós seria irrisório, mas que, para eles tem um significado de grande valia, tornando um mundo novo, um mundo onde eles poderão se sentir participantes e inseridos de fato na sociedade.

Devido aos fatos expostos, se percebe a modalidade da EJA como uma solução de escolaridade para todos aqueles que mesmo fora da faixa etária para a série cursada, desejam passar por mudanças, impetrar desígnios que vão além dos assentos escolares e que só a escolarização pode oportunizar. O mercado de trabalho exige cada dia mais um nível de maior escolaridade. Hoje o analfabeto tem muita pouca oportunidade numa sociedade em que a tecnologia e a globalização se fazem presente em todos os momentos.

O ato de aprender a ler e escrever são direitos de todos os cidadãos, pois só assim eles podem fazer valer sua opinião, e desta forma ele exerce seu papel social dentro da sociedade, esta é uma questão de dignidade e de oportunidade, é o que transforma a pedagogia num ato libertador, em que é possível exercer a cidadania plena.

Segundo Freire (2002, p. 11) a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade prendem dinamicamente.

É importante a leitura das palavras, mas também é importante compreendê-las e aplicá-las cotidianamente, a alfabetização começa em casa, ao se dar conta de que tudo é nomeado, os objetos, as pessoas, os lugares.

Freire (2002, p. 15) pontua que “fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro, gravetos o meu giz”.

Transcorrendo este fato para a Educação de Jovens e Adultos é possível perceber que o que Freire quis dizer, ensinar a partir das histórias de vida ocasiona ao aluno e professor reflexões acerca de suas vivências, pode inclusive, promover momentos significativos na aprendizagem, pois o aluno estuda confrontando sua realidade e desta forma pode ser incentivado na busca de promover a melhoria de vida deste sujeito.

Para Freire (2002, p. 17) a insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita.

O autor registra que não é contra a leitura, pois educando e educadores devem estar em constante leitura e aprendizado, na realidade o que se trata é o fato de que muitos jovens e adultos apenas aprendem a ler, sem saberem interpretar essas leituras, o que a torna repetitiva, cansativa e desmotivada. A análise de textos como Jorge Amado, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, dentre outros faz a língua portuguesa ser observada por ângulos exploráveis ao conhecimento das linguagens, sínteses e implica na necessidade do ato de ler.

Para Freire (2002, p. 19) a alfabetização de adultos é vista como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador, uma memorização mecanizada dos ba, be, bi, bo, bu, dos la, le, li, lo, lu.

Desta forma, enquanto a ação de conhecimento o ato de inventar, inovar deve estar presente na aprendizagem, para que a mesma possa se tornar significativa. Neste momento é indispensável para tornar o aprendizado expressivo e próximo da realidade do aluno. Como exemplo, um cidadão que não sabe ler e nem escrever,

quando anda de trem, conhece todas as estações e consegue ir ao lugar desejado, com seu saber da leitura de mundo.

Freire (2002, p. 19) complementa que a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando.

A importância do ato de ler, como observa Freire, alude a uma percepção crítica, a EJA propõe um comprometimento com a cidadania, uma forma de o governo se desculpar pela sua omissão no tangente a uma educação para todos, sem exclusão; é uma forma de resgatar os talentos que foram sufocados pela injustiça social.

A leitura de mundo na qual o autor enfatiza é a leitura que objetiva as experiências vividas por aqueles que estão sendo alfabetizados, ou seja, é aprender através de seu mundo vocabular, sem uma memorização mecânica e reescrita (FREIRE, 2002).

Freire (2002, p. 24) “aborda a alfabetização de adultos e bibliotecas populares, onde o problema da leitura e da escrita leva a compreensão crítica da alfabetização”. Segundo o autor, do ponto de vista crítico é “tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político”.

A educação percorreu um caminho cheio de manifestações e assume até hoje um papel de destaque nas discussões políticas do Brasil, onde vários são os aspectos levantados, dentre eles a Educação de Jovens e Adultos que norteia a agenda do setor público e ao mesmo tempo a agenda de pesquisadores com seus pensamentos crítico-reflexivos.

Numa visão crítica da educação o fato de trazer o ensino em suas diversas fases à realidade do aluno e fazê-lo ser capaz de questionar, pensar e interpretar de forma a obter suas próprias conclusões e formar seus próprios conceitos é importante, pois evita, o analfabetismo funcional e melhora a evasão escolar, além de priorizar a transformação da criança em cidadão crítico.

Freire (2002, p. 19) complementa que a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando.

A importância do ato de ler, como observa Freire, alude a uma percepção crítica, a EJA propõe um comprometimento com a cidadania, uma forma de o governo se desculpar pela sua omissão no tangente a uma educação para todos, sem exclusão; é uma forma de resgatar os talentos que foram sufocados pela injustiça social.

A leitura de mundo na qual o autor enfatiza é a leitura que objetiva as experiências vividas por aqueles que estão sendo alfabetizados, ou seja, é aprender através de seu mundo vocabular, sem uma memorização mecânica e reescrita (FREIRE, 2002).

Alunos da Educação de Jovens e Adultos são advindos de classes pobres, que muitas das vezes não tiveram como prosseguir seus estudos, por este motivo, carregam consigo a marca da exclusão ao movimento econômico, cultural, social relacionado ao analfabetismo e a pobreza que a deixam longe de uma educação de qualidade na idade certa e todo processo da sua trajetória.

Muitos destes alunos encontram-se numa posição diferente em relação à criança, com uma bagagem maior do que a experiência possui crenças e valores constituídos a partir de suas vivências. Vivem em constante aprendizado, pois para aprender não existe tempo determinado. Portanto têm seus direitos negados e se sentem culpados por não conseguirem alcançar êxito na sua jornada de vida escolar e fazer parte de mais um cidadão da exclusão.

Segundo Paula (2011, p. 48) a relação entre alfabetização e trabalho é muito clara nas salas de EJA. Mesmo significando cada vez mais a escassez da melhora das condições de vida, a alfabetização é o primeiro passo para a entrada no mundo letrado. Entretanto, segundo a autora “é necessário haver ênfase no letramento, ou seja, no uso social que se faz da leitura e da escrita, sem o que não se pode falar em sujeitos alfabetizados propriamente ditos, mas em analfabetismo funcional”.

A vivência de cada jovem ou adulto que retorna à escola ou começa a estudar é diferenciada, cada um tem suas escolhas, sua forma de viver, mas todos fazem parte de uma mesma realidade cultural. Repetem uma história de negação de direitos e fazem parte de um contexto de exclusão, passam pela rejeição, reprovação social e escolar, mas possuem escolhas e conhecimentos de vida, ganhos pelas vivências em sociedade e pelas próprias histórias (BASEGIO, 2012).

Muitos já trabalham ou trabalharam, participam de movimentos sociais, na comunidade, no bairro em que vivem e por essa condição já possuem um conhecimento de vida em relação ao trabalho, família, direito e deveres.

Os alunos da EJA já trazem consigo características marcantes que precisam ser utilizados tudo aquilo que já fazem parte do seu cotidiano, ofertando-os novidades de saberes associando a prática, valorizando a cultura, sua história na interação do diálogo com colegas e professores dando significado a sua identidade.

A EJA ancora na ideia dos valores humanos, pode proporcionar novos tipos de saber, agregando a possibilidade de se promover o autoconhecimento e incorporando temas que favoreçam a práxis. Passamos por um momento de esgotamento de recursos naturais, de enfrentamento da escassez e do desmantelamento do patrimônio ecológico. Uma educação voltada ao ser torna-se necessária, não apenas para propiciar a assimilação de novos conteúdos, mas para construir-se como ferramenta de transformação e de participação assertiva e consciente no mundo.

Segundo Basegio (2012) o conceito de cidadania traduz, ao mesmo tempo, a concepção de direito e de exercício desse direito. Sem este, aquele é mero discurso. A Organização das Nações Unidas (ONU) formulou o conceito de desenvolvimento humano, podendo esta ser construída, alargada, potencializada, dependendo do processo de construção e participação da sociedade humana.

As implicações das desigualdades sociais no campo da educação são visíveis desde os modelos educacionais da Grécia, que, em linhas gerais, prevalecem até os tempos atuais: educação diferenciada por classes sociais. Mesmo após transformações políticas ocorridas ao longo de nossa história, que reforçaram a igualdade de direitos à educação e criaram a escola pública, universal e gratuita. É preciso ficar atento ao de que o futuro profissional das pessoas nem sempre depende apenas da educação escolar, mas pode ser determinado ocultamente por sua condição social. E, nessa perspectiva, existem escolas para os pobres e para os ricos (SALGADO. 2012).

Numa abordagem psicossocial e histórica Paiva (2009) identifica o potencial do homem para se adequar as produções culturais e de sistemas de significação, por meio de processos interativos, como os linguísticos. Segundo o autor, pensamento, linguagem, consciência (funções psíquicas) têm procedência das afinidades reais

entre os homens. Para que se atinja a condição humana é fundamental se ter apropriação da natureza cultural, na qual se está inserido.

Soares (2002, p. 52) aborda que Gardner chamou a atenção para o processo de conhecimentos como uma espécie de:

Rede de informações formada por habilidades individuais de aprendizagem, teoria conhecida como inteligências múltiplas. Para o autor, a inteligência pode ser caracterizada em lógico-matemática, musical, linguística, espacial, corporal, cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Essa tipologia não apresenta hierarquia entre si, nem graus de importância, mas se complementa na aquisição de conhecimentos.

Basegio (2012) complementa que a realidade educacional brasileira é um exemplo acabado da contradição entre a declaração dos direitos e a prática social. Existe um descompasso entre os processos de interação entre estudo e trabalho, em que se observa por um lado, a existência de grande oferta de mão de obra desqualificada, adquiridas por indivíduos que tiveram ingresso precoce ao mercado de trabalho por questões de sobrevivência, por outro lado, um currículo escolar com metodologias de ensino deslocadas da realidade social e das necessidades dos alunos, tornando precário o discurso que atrela questões de cidadania a questões de qualidade, tendo apenas a educação escolar como estratégia suficiente.

3.1 - Observação de um Estudo de Caso da EJA

A escolha da pesquisa referencia-se pelo trabalho das autoras Albuquerque e Souza (2013) que fizeram um estudo de caso em uma escola da rede municipal de João Pessoa, através da experiência de seu estágio supervisionado, e, mesmo sendo esta escola relativamente nova em relação a outras redes da região na qual está inserida, nasce dos professores e profissionais da educação, uma nova proposta curricular.

A pesquisa foi realizada numa escola, em que foi observado o contexto da EJA e seu currículo. Segundo Albuquerque e Souza (2013, p. 52) os aspectos pedagógicos do currículo para Educação de Jovens e Adultos “baseiam-se no

contexto da experiência freiriana com educação popular - na utilização de metodologia que propicie ressocialização dos sujeitos no processo educativo”. Fundamentando o exercício da cidadania e na preparação para o mundo do trabalho.

A educação escolar é campo fértil, pois envolve contato direto com os níveis mais iniciais dos postos e setores de trabalho, hierarquizados de uma empresa, sujeitos criativos, com autonomia para inventar saídas e resolver problemas, e com competência para inovar, são resultado de um conjunto de ações a serem consideradas nos programas de educação no trabalho para que atinja um novo perfil de cidadão colaborador e, conseqüentemente, a prática da qualidade, resumidamente na visão de Albuquerque e Souza (2013) educação não se reduz a conhecimento e treinamentos, ela é a própria qualidade total, base educativa da cidadania.

A EJA ancora na ideia dos valores humanos, e, pode proporcionar novos tipos de saberes, acrescentando a probabilidade de promoção do autoconhecimento e incorporando temas que favoreçam a práxis. Uma educação voltada ao ser torna-se necessária, não apenas para propiciar a assimilação de novos conteúdos, mais para construir-se como instrumento de transformação e de participação assertiva e conscienciosa no mundo.

A ação de educar liberta, o educando da passividade, o apresenta a oportunidade de se preparar para a vida, para o mercado de trabalho e para o pleno exercício da cidadania, através do ato de ler e escrever, o educando consegue o pleno exercer seus direitos e saber quais são seus deveres como cidadão.

Dentre as possibilidades apresentadas na EJA dentro do contexto educacional brasileiro, assegurar ao cidadão o direito registrado na Constituição Brasileira de circular livremente por onde desejar é necessário que ele seja capaz de identificar o destino indicado pelo letreiro do ônibus e para garantir o direito à saúde. Ter condições de decifrar o que pede uma receita médica e ainda, por exemplo, ser capaz de decifrar uma carta aos dirigentes de sua cidade, seu Estado, seu País ou aos meios de comunicação, assim o cidadão que teve esta oportunidade, sabe ler e escrever torna-se mais seguro, mais autônomo, fortalece a sua autoestima, tem mais chances na vida.

Assim os educadores têm a missão de conscientizar os alunos de que não basta entender as letras, mas ler o texto, interpretar o contexto para não fazer pretextos com as palavras. Em seu artigo Paulo Freire exemplifica que biblioteca

popular, não precisa conter apenas acervos literários, nela podem ser realizadas atividades que possam ser desenvolvidas com criatividade, por exemplo, pode haver contação de histórias, fitas gravadas com entrevistas de artistas ou mesmo alunos da EJA que conquistaram um lugar no mercado com os ensinamentos aplicados, a compreensão mágica da palavra escrita ou falada com espírito crítico democrático e incentivador.

O desafio da educação de adultos é concebido junto às dificuldades estruturais, financeiras e as exigências do mercado de trabalho. O analfabetismo gera exclusão, às vezes a injustiça social e a pobreza, além de exigir cuidados e dedicação especiais. Neste contexto, a diferença é ter profissionais preparados para proporcionar possibilidades para que esse público possa ter um melhor desempenho através de seus estudos abrangendo o âmbito profissional, social, cognitivo e emocional.

Na questão para saber os motivos que impedem a frequência dos alunos da EJA no tempo regular. Constatou-se que dentre os alunos que responderam, alguns deram a esta questão respostas, como: “não terminaram seus estudos em tempo hábil regular porque a distância entre a escola e sua residência era muito grande”; outros “por motivos familiares”; outros “porque engravidaram e tudo se tornou mais complicado”.

Observa-se que os alunos que pontuaram a distância do trabalho para a escola, e os que responderam ser o cansaço por estudar e trabalhar, coincidem suas respostas, levando em consideração que a distância do local de trabalho, envolvendo a precariedade das conduções públicas, e rodovias que geram engarrafamentos e grande lotação, consiste em cansaço físico e psicológico que vem a ser um dos motivos para a evasão escolar, os alunos se sentem desmotivados a prosseguir seus estudos e pontuam que a maior dificuldade enfrentada para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem é o cansaço.

Com relação a saber qual é o maior desafio do aluno da EJA em voltar aos estudos e prosseguir nesta modalidade. Alguns disseram que “continuam na modalidade EJA, mais que às vezes se sentem desmotivados, mas prosseguem, visando à obtenção do seu diploma”. E outro grupo de alunos alegaram que “não conseguem dar conta de trabalhar e estudar, pois é muito cansativa essa rotina”. Outros responderam que: “sentem falta de uma base no ensino fundamental”. E alguns responderam que: “o material didático não é bom e as vezes nem tem material

para estudo”; “os recursos oferecidos pela escola e professores são precários e dificulta a aprendizagem gerando a desmotivação”

As autoras mencionaram que no ponto de vista de gênero, as mulheres que engravidam sofrem mais pressão para abandonar os estudos, já os homens têm como problemática a necessidade de ajudar no sustento financeiro da casa, sendo assim questões de gênero e condições sociais são as causas mais prováveis de abandono escolar no período regular do ensino.

Numa visão dos alunos que já estão inseridos na modalidade da EJA, percebeu-se que muitos dos alunos têm como foco a aquisição de seus diplomas, e mesmo que por vezes se sintam desmotivados prosseguem em busca de seus sonhos de certificação. Outro grande problema levantado é o fato de trabalhar e estudar, esta questão vem sendo abordada em várias bibliografias, e de fato torna-se o problema central da evasão dentro da modalidade da EJA.

Há uma necessidade de motivação que deve permear constantemente dentro da escola é fruto da parceria entre a parte administrativa, a supervisão, o corpo de docentes e discentes envolvidos no processo. Resultando assim num melhor aproveitamento, o que gera uma menor evasão e ameniza a repetência, pois o trabalho em conjunto auxilia e traz resultados favoráveis a uma educação de qualidade.

Há necessidade também de o currículo ser adaptado à realidade do cotidiano dos alunos ou pelo menos que chegue o mais próximo possível para que não haja desmotivação na aprendizagem e os alunos da EJA possam ter a oportunidade de exercer plenamente seus direitos políticos, sociais e ter acesso a uma identidade.

No estudo de caso as autoras abordam questões sobre o material utilizado pelos professores ser adequado ou não a aprendizagem desta modalidade. Alguns alunos responderam que não. Outros complementaram com a falta de livros didáticos para auxiliar na aprendizagem.

Observa-se que os alunos estão insatisfeitos com metodologia aplicada no ensino-aprendizagem. A metodologia aplicada com grandes textos e poucas atividades que permitem seu entendimento tende a fazer a aula se tornar desmotivada e propensa ao baixo rendimento dos alunos.

Paulo Freire (2014, p. 48) aborda que ensinar requer estratégias e exigências fundamentais, principalmente em salas de EJA, além do respeito aos saberes dos

alunos. Neste espaço deve existir uma íntima relação “entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

O professor da EJA tem como ação pedagógica direcionar os objetivos da educação orientando os educandos a terem valores e consciências de pontos fundamentais para o convívio em sociedade e assim buscarem a mudança em suas respectivas vidas fazendo a diferença na vida dos que estão ao seu redor.

Na visão de Albuquerque e Souza (2013) os professores da EJA, devem ser capazes de estimular a continuidade dos estudos, o aumento da escolarização e comprometer-se com o combate ao analfabetismo e com a elevação dos níveis de escolaridade. O resgate de valores como a verdade, a ação correta, o amor, a paz e a não violência, o desenvolvimento da autoestima e a criação de novos canais de sociabilidade são aspectos essenciais a serem trabalhados num curso de EJA que envolva os valores humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil da Educação de Jovens e Adultos vem se modificando durante todo seu percurso na história e suas atribuições dependem das políticas educacionais vigentes de cada período. Em observações realizadas no período do estágio e as pesquisas realizadas para elaboração deste trabalho. Atualmente, percebe-se na EJA a importância do docente em mediar a aprendizagem destes alunos sem permitir a evasão, assim é preciso que haja professores comprometidos com a educação dentro das salas da EJA, criando a oportunidade de recomeço e igualdade social para os alunos atendidos nessa modalidade de ensino.

A EJA deve ser vista como uma oportunidade de beneficiar aqueles que não puderam por algum motivo estudar no tempo hábil, e deve ser mais abrangida pelas políticas públicas, visando a uma adaptação de currículo e a um preparo profissional com respaldo ao mercado de trabalho, porém, deve criar estratégias para sanar o quadro acentuado da evasão escolar que é um dos principais motivos da existência da EJA.

A pesquisa visou conhecer a prática do professor como mediador no processo de ensino aprendizagem, na EJA, respaldado pelas oportunidades de fornecer um ambiente de infinitas possibilidades para estes alunos, onde as intervenções pedagógicas devem ser diferenciadas e não pensadas e aplicadas num modelo único de proposta para esta modalidade de ensino.

E, dessa forma, fica evidente que sem uma escola adequada para atender às necessidades dos educandos e sem o amparo legal, o aluno trabalhador não supera sua condição de subalternidade imposta. Ainda há muito para se realizar em relação a criar possibilidades para que a EJA venha a ter êxito total. Porém, é importante que professores estejam capacitados e preparados para trabalhar as diferenças em sala de aula e assim poder alcançar sucesso neste trabalho.

Para que uma mudança aconteça é necessário que o professor conheça a realidade em que trabalha e crie possíveis situações que atendam as características necessárias para um bom desenvolvimento da educação, com parâmetro da empatia e claro com a parceria da Escola, garantindo assim, a eficácia do seu papel como educador e proporcionando ao aluno a obtenção de seu desenvolvimento de maneira integral, através da procura pelo conhecimento e aprendizagem no ambiente escolar, tornando professores, alunos e a escola, sujeitos ativos no processo educacional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. C. S.; SOUZA, D. D. N. Educação de Jovens e Adultos: contribuições para o enfrentamento da exclusão social. Universidade Federal da Paraíba, p. 1-62, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2874/1/ACSA05042014.pdf>. Acesso em: 20 nov 2020.

BASEGIO, L. L. **Educação de Jovens e Adultos: problemas e soluções.** – Curitiba: InterSaberes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº. 9.394, de 20 de dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 13 out 2020.

_____. **Constituição Brasileira de 1988**. 10ª ed. Atualizada em 1998. Brasília, Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/15261/constituicao_federal_48ed.pdf?sequence=94>. Acesso em: 13 out 2020.

_____. **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento** / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>>. Acesso em: 21 out 2020.

CARVALHO, M. **Primeiras Letras: Alfabetização de Jovens e Adultos em Espaços Populares**. São Paulo: Ática, 2009.

FREIRE, P. **A importância de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 48.ª Edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

PAIVA, J. O. **Sentidos do direito a educação para Jovens e Adultos**. 1.ª ed. Rio de Janeiro: Faperj, 2009.

PAULA, C. R. OLIVEIRA, M. C. **Educação de Jovens e Adultos: A Educação ao Longo da Vida**. – Curitiba: IBPEX, 1ª edição, 2011.

SALGADO, E. N. **Educação de Jovens e Adultos**. v.1. - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

SOARES, L. J. G. **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.